



AS CONSTRUÇÕES DAS REPRESENTAÇÕES DO TOCANTINS: PELAS VEREDAS DOS VAQUERIOS, TROPEIROS E CAMARADAS

THE CONSTRUCTION OF REPRESENTATIONS OF TOCANTINS: ALONG THE PATHS OF VAQUEROS, MULETEERS AND COMRADES

BRENDON HUSLEY RIMUALDO RODRIGUES

<https://orcid.org/0000-0003-4380-7165>

Doutor em História pela UFG
brendonhusley1914@gmail.com

MARIA DO ESPÍRITO SANTO ROSA CAVALCANTE RIBEIRO

<https://orcid.org/0000-0001-6694-8054>

Doutora em História pela USP
Professora Titular PUC/GO
mariarosacavalcante@gmail.com

RESUMO

O antigo sertão goiano abrigou ricas vivências sociais, econômicas e culturais. Entre elas, destacam-se as práticas de vaqueiros, tropeiros e camaradas, muitas vezes marginalizados, mas essenciais na construção das representações do norte goiano, atual Tocantins. Este artigo propõe resgatar essa categoria por meio da literatura regional de Hugo de Carvalho Ramos, Juarez Moreira Filho e Carmo Bernardes, além de relatos de viajantes como o padre Estevão M. Gallais e os médicos Artur Pena e Belisário Neiva. Outras fontes também serão consideradas para ampliar a compreensão desse imaginário histórico. Assim, busca-se revelar os silêncios das margens e o pulsar das vozes esquecidas enredando histórias que se misturam à poeira do chão. Ao atravessar essas linhas, o/a leitor/a encontrará ecos de um passado que ainda molda o presente, um retrato vibrante da força cultural que resiste no Tocantins de hoje.

PALAVRAS CHAVE: Literatura; Sertão; Vaqueiros; Tropeiros; Camaradas.

ABSTRACT

The old backlands of Goiás were home to rich social, economic and cultural experiences. Among them, the practices of drovers, cowherds and fellows stand out, often marginalized, but essential in the construction of representations of the north of Goiás, present-day Tocantins. This article proposes to rescue this category through the regional literature of Hugo de Carvalho Ramos, Juarez Moreira Filho and Carmo Bernardes, in addition to reports from travelers such as Father Estevão M. Gallais and doctors Artur Pena and Belisário Neiva. Other sources will also be considered to broaden the understanding of this historical imaginary. Thus, we seek to reveal the silences of the margins and the pulse of forgotten voices entangling stories that mingle with the dust on the ground. By traversing these lines, the reader will find echoes of a past that still shapes the present, a vibrant portrait of the cultural force that resists in Tocantins today.



Key-words: Literature; *Sertão*; Cattle Herders; Troopers; Comrades.

Introdução

Existe um grupo de pessoas frequentemente mencionado nos relatos de viajantes e nas narrativas dos literatos regionais: vaqueiros, tropeiros e camaradas. Contudo, há um grande hiato na historiografia do antigo norte goiano, hoje Estado do Tocantins, sobre esses assuntos. Pensando nisso, este artigo busca problematizar, por meio da literatura regional e de escritos de viajantes que cruzaram os vales do Araguaia, a relevância dessas figuras, que tiveram papel significativo no que muitos denominam o antigo norte goiano. Sua presença, ao mesmo tempo discreto e essencial, moldou caminhos, conectou povos e semeou histórias que ainda ecoam nos rincões esquecidos do sertão.

O sentido de sertão é uma referência à condição de isolamento econômico, político e de comunicação da região norte e nordeste de Goiás até os anos 70 do séc. XX. Convém ressaltar em Azevedo que esta questão do isolamento não se aplica apenas ao Brasil Central, mas de todo Brasil em relação a outras nações durante o período colonial e no interior da unidade nacional, entre diferentes grupos e instituições. Isolamento que prossegue no séc. XX. (Azevedo, apud: Lima, 1999, p. 50).

As imensas distancias que os sertões do Brasil têm, de fato, apresentavam em alguns aspectos do isolamento. No entanto, o norte goiano, por mais distante que era, as práticas culturais, econômicas e políticas desses sujeitos – vaqueiros, tropeiros e camaradas – iam ao desencontro dessa ideia, pois elas tecem rede viva de conexões entre espaços, cidades e estados, revelando que “o sertão é o Brasil e o brasileiro” (Sena, 1998, p. 24). São que laços se entrelaçam no próprio sertão, que é, são por essências, dialéticos, movendo-se em constante transformação e acolhendo uma rica tapeçaria de valores em códigos e honras. Como lembra a antropóloga Custódia Selma Sena, “o sertão, mais que um lugar geográfico, está referido a uma forma de organização social específica, a um modo de vida característico, uma descontinuidade social que a noção de pátria mal reconhece. [...] a estranheza da descoberta de um brasil dentro do Brasil” (Sena, 1998, p. 23). E nessa mesma senda, esse sertão, segundo a própria antropóloga, é “simultaneamente, singular e plural, é um e é muitos, é geral e específico, é um lugar e um tempo, um modo de ser e um modo de viver, é o passado sempre presente” (Sena,



1998, p. 23). Assim também se desenvolve o norte goiano, onde o imaginário se expande e floresce.

Para entender o imaginário, comungamos com a historiadora Sandra Jatahy Pesavento ao firmar que o “imaginário comporta crenças, mitos, ideologias, conceitos, valores, é construtor de [...] exclusões, hierarquia, divide, aponta semelhanças e diferenças no social. Ele é um saber-fazer que organiza o mundo, produzindo a coesão ou conflito” (2014, p. 43). Nessa perspectiva, o imaginário histórico do sertão goiano em que estão os tropeiros, vaqueiros e camaradas nos vales do Araguaia e Tocantins será explorado em suas profundas e paradoxais dimensões humanas e para isso, a literatura emerge como uma fonte preciosa para problematizações, sendo fruto da sociedade e incorporando elementos sociais, econômicos, políticos, geográficos e culturais.

Deste modo, afirma Antônio Cândido, que a literatura, é “um produto social, exprimindo condições de cada civilização em que ocorre [...] na medida em que ela descreve os modos de vida e interesses de tal classe ou grupo” (2006, p. 28-29). Nesse diálogo entre história e palavra, a literatura se torna espelho e voz, revelando nuances do passado e iluminando os sentidos do presente. Deste modo, a literatura através de seu imaginário revela gamas de possibilidades do real, para que assim seja problematizada, sentidas e pertencidas. Deste modo, destaca o historiador Nicolau Sevcenko:

O potencial da criação literária como documento, não apenas como análise das referências esporádicas e episódios históricos ou do estudo profundo de seus processos de construção formal, mas uma instância complexa, repleta das mais variadas significações e que incorpora a história e todos os seus aspectos, específicos ou gerais, formais ou temáticos, reprodutivos ou criativos, de consumo ou produção (Sevcenko, 2003, p. 299).

Portanto, é através dessas significações que a literatura possibilita e permeia o imaginário de uma determinada época. E foi nesta perspectiva que os vaqueiros, tropeiros e camaradas fizeram parte dos elementos dos gerais do antigo norte goiano, ajudando a desenvolver todo um paradoxo social, econômico, político, cultural e geográfico através de seu cotidiano complexo e heterodoxo.

Por fim, a literatura, em sua ficção, concede ao escritor a liberdade poética para moldar e tecer narrativas, entrelaçando os valores da sociedade e, por vezes, aproximando-se da trama histórica desenvolvida pelo historiador. Como reflete o saudoso



Peter Gay, “vezes há, naturalmente, em que a ficção toma algumas das responsabilidades da história” (1990, p. 173), com a sutil, porém essencial, diferença de que o historiador, mesmo ao recorrer à ficção, permanece guiado por suas fontes. De modo semelhante, Sandra Jatahy Pesavento afirma que “a história é uma forma de ficção, ela é uma ficção controlada: pelos indícios recolhidos, pela testagem a que submete esses indícios, pela recorrência ao extratexto” (2014, p. 62). Assim, ainda que criativa, a história mantém-se enraizada nas evidências que a sustentam.

Mediante essa reflexão – mesmo que metodológica – entre a história e literatura, entre a ficção e não ficção evocam-se as representações, e, para compreender esse conceito, Pesavento, assevera que a representação é “portadora do simbólico, ou seja, dizem mais do que aquilo que mostram ou anunciam, carregam sentidos ocultos, que, construídos social e historicamente, e se internalizam no inconsciente coletivo e se apresentam como naturais” (2014, p. 41). Por sequente, este imaginário preserva os traços de um tempo em que vaqueiros, boiadeiros e camaradas moldaram os sertões do norte goiano. Essas pessoas foram figuras emblemáticas dos gerais, teceram os fios de um paradoxo entre o avanço e a permanência, entre o progresso e a tradição. Em seu trabalho cotidiano, carregavam não apenas a lida, mas a essência de uma cultura em formação, onde o eco dos cascos e a poeira das estradas entrelaçavam sonhos e desafios.

A literatura não apenas narra esses vestígios, mas os eternizam em sua melodia viva, conectando história e memória. Assim, lembra a historiadora Sandra Jatahy Pesavento em dizer que o historiador(a) “sobre ele se debruça a resgatar as sensibilidades, as razões e os sentimentos de uma época, traduzindo esteticamente em narrativas pelo autor” (2014, p. 83) e neste caso, a literatura torna-se fonte deste trabalho para analisar as categorias de vaqueiro, tropeiro e camaradas, no antigo norte goiano, um território que fazia divisa com o Maranhão ao sul, Piauí e Bahia ao leste e sul do estado do Pará e Mato Grosso a oeste, fazendo fronteiras com os rios Araguaia e Tocantins e as serras gerais em meados das primeiras décadas do século XX.

O Vaqueiro

Muitos vaqueiros, pelas brenhas do antigo norte goiano, andaram lado a lado com os bandeirantes paulistas do século XVIII. Entretanto, não foi visto por muitos com a

devida importância, esses vaqueiros eram sertanejos, eram ribeirinhos, caboclos e garimpeiros, que por vezes tinham outras labutas no sertão e na maioria das vezes, foram contratados, convocados por fazendeiros e pelo Estado a desenvolver suas atividades, “para varar chapadões de sol a sol, comendo dúzias de léguas” (Ramos, 1984, p. 171), nisso estavam abrindo caminho, para que outros andassem trilhar à época. Vale lembrar as palavras do literato Carmo Bernardes ao asseverar que “há uma suposição histórica de que as extensões territoriais deste imenso país foram conquistadas pelo gado andando na frente e os vaqueiros atrás, apossando-se dos campos freqüentados por suas criações” (1995, p.34).

Uma das principais atividades do vaqueiro se faz na ação do vaquejar — procurar rês perdida ou embrenhada nos matos para juntar ao gado, é importante destacar nas palavras de Moura Lima vaqueire é uma “atividade caipira por excelência” (1998, p. 179). Essa atividade engloba toda a vida desses sujeitos, que pelo nordeste brasileiro não é fácil. Euclides da Cunha, em *Os Sertões* (1975) apresenta uma noção reveladora da árdua existência do vaqueiro no sertão baiano, tão semelhante à labuta enfrentada pelos vaqueiros do antigo norte goiano. O autor destaca algumas características dessa vida de sacrifício e resistência: a convivência com os perigos dos gerais, a habilidade em manejar o gado nas caatingas espinhosas, e a resiliência quase mística desses homens, moldados pela aspereza da terra e pelo ritmo severo do sertão. No mais, começamos pela sua vestimenta que:

Envolto no gibão de couro curtido, de bode ou de vaqueta; apertado no colete também de couro; calçando as perneiras, de couro curtido ainda, muito justas, cosidas às pernas e subindo até as virilhas, articuladas em joelheiras de sola; e resguardados os pés e as mãos pelas luvas e guarda-pés de pele de veado — é como a forma grosseira de um campeador medieval desgarrado em nosso tempo (Cunha, 1975, p. 95).

Essa armadura, tão emblemática e funcional, assemelha-se e completa-se segundo Juarez Moreira Filho, com as “suas perneiras, os gibões acompanhados dos coletes de couros, dos peitorais. Ai, apressado, calçava as botas de cano longo, abotoava as esporas e rosetas brilhosas e afiadas, pegava o chicote e o chapéu de couro” (Moreira Filho, 2009, p. 93-94). A “perneira, gibão, colete e chapéu de couro” (2004, p. 88) são roupas que indubitavelmente e inseparáveis do vaqueiro que protegia dos males e percalços da natureza nos Gerais. Para fortalecer sua segurança pessoal, destaca Hugo de Carvalho

Ramos “como de costume, ferrão em punho, perneira e guarda-peito” (1984, p. 36) — tudo isso para prevenir cortes no corpo e picadas de animais peçonhentos que poderiam ser encontrados pelo caminho.

Mas do que uma vestimenta, ela tornara-se o símbolo de adaptação e resistência, envolto na luta diária e incansável de seu ofício, na busca feroz do gado brabo, doente ou ferido no vasto gerais. Os vaqueiros, conforme descrevem Artur Pena e Belisário Neiva, “quando em trabalho, vestem-se completamente de couro, único vestuário capaz de resistir aos espinhos de flora tão hostil” (1999, p. 167). Ainda assim, essa proteção não impediu tragédias como olhos vazados, cortes profundos no rosto e pescoço, eram marcas comuns de quem enfrentava o sertão. Astolfo Serra registra que “na carreira espantosa dos vaqueiros acontece uma desgraça em que a vida se extingue como um sopro” (1946, p. 33). Essas pessoas foram moldadas pelas durezas do ofício, desafiando o risco de cada investida através do gado. Artur Neiva e Belisário Pena relataram que os vaqueiros:

Metidos em suas vestes de couro (gibão, peitoral, perneiras e bonita) grande e pezado chapeo do mesmo material, o peso por uma barbeta, luva de couros protegendo apenas o dorso das mãos, montado num cavalo magro, em geral pequeno, mas adestrado na luta, empunhado uma *guiada* (vara de péao resistente de cerca de dois metros de comprimento com uma ponteira de ferro) com os pés metidos em tocas caçambas de madeira, ele entra pela caatinga fechada, inçada de espinhos, á procura do boi e encontrando esse, toca-o e cerca-o ora abaixando-se, ora desmontando-se rapidamente para se librar de uma cabeçada num galho que não o deixa passar, nem mesmo colado ao pescoço do animal, galgando de novo a sela como uma acrobata, esgueirando-se, colocando ao ventre do cavalo, como um felino, por entre os moitas trançadas, num exercício fantástico de agilidade e de resistência leva o vaqueiro horas inteiras até domar o boi, *numa molhada* (claro na caatinga) e leva-lo afinal vencido para o curral (Neiva; Pena, 1999, p. 200).

A partir destas observações pelos médicos, é possível compreender, em grande medida, a luta hercúlia desse audacioso guerreiro do sertão, a busca do vaqueiro pelo gado por essas brenhas às vezes desconhecidas, na passagem dos dias. Eduardo Guedes de Amorim descreve o mesmo “montando a cavalo percorrendo aquelas solidões” (1973, p. 55). Como lembra Euclides da Cunha, com o seu “cavalo, sócio inseparável desta existência de algo romanesca, é quase objeto de luxo. Demonstra-o o arreamento complicado e espetaculoso” (1975, p. 94). O cavalo era uma de suas raras vaidades, visto, segundo os médicos Artur Pena e Belisário Neiva, que “os cavalos do norte são em geral ensinados a esquipar. O esquipado é uma marcha peculiar aos cavalos dos Estados do



norte. É um andar especial, muito rápido e agradável” (1999, p. 200) e por essas longas horas montados, ocasionava, na reflexão de José de Alencar, um “homem que parece incorporado ao animal, como um centauro” (1949, p. 52).

Além do cavalo, companheiro inseparável, geralmente o vaqueiro realizava suas tarefas com ajuda de outro fiel amigo: o cachorro. Nas palavras de Leolídio Caiado, era “inteligente e corajoso, valente e leal, digno, portanto, de todo o respeito” (1969, p. 27). O trabalho com o gado exigia pulso firme, agilidade e destreza, um ofício pesado que pede coragem e resistência inquebrantáveis. Como descreve Moreira Filho, “predisposição não faltava” (2009a, p. 52).

O ofício era destinado a quase todos daquelas vastidões, sem excluir os pequenos, que também eram envolvidos nessa jornada. Muitos, desde cedo, eram empurradas essas tarefas, entremeadas por brincadeiras com pinholas e vaquejada com as ossadas de gado morto, eram transmutadas, segundo Juarez Moreira Filho, para “o trabalho com jegues na busca de objetos daqueles que chegavam ao garimpo” (2020, p.70) e pelo auxílio aos pais na lida com o gado, como lembra José de Alencar: “os moleques as ajudavam na tarefa” (1949, p. 185).

Desde pequenos, montados em bezerros, bois, burros e jumentos brabos, amansando-os e aprendendo a domesticá-los. É importante destacar que o campear, buscar o gado, era mais que um simples ato de condução; era um ritual que entrelaçava coragem e destreza, exigindo uma sequência de ações que moldavam o ofício da vaqueirama. Dentro desse universo, cuidar do gado e zelar pela saúde dos animais eram gestos de devoção e sobrevivência. Assim, os vaqueiros, com suas mãos calejadas e seus olhares atentos. Neste sentido, nos lembra Carmo Bernardes, em dizer que:

As bicheiras do gado eram curadas lá mesmo no campo, onde a criação bicheirenta fosse encontrada. Na garupa da sela o vaqueiro conduz os alforjes com astisanas de curar, os ungüentos aplicáveis no tratamento das feridas - melado de casca de barbatimão, óleo de copaíba, azeite de mamona - e os instrumentos de alveitar. Corre-se o laço no bicho doente, chega-lhe a peia, dá com ele no chão e, escangotado, aplica-lhe o curativo bruto. Se é bicheira, o tratamento é mel de fumo [...]. Se quebrou o chifre ou se feriu num poteço correndo no mato, usa-se o melado de sambaibinha (Bernardes, 1995, p. 35)

Nessa mesma prática de cuidar das feridas do gado, há tantas outras, como destaca o escritor Léo Godoy Otero em seu romance *O Caminho das Boiadas*: “laçava bois perregues, suscuindo o óleo grosso de copaíba, com fumo torrado, ou bosta de vaca, nas bicheiras das reses machucadas” (Otero, 1984, p. 21). Assim, a natureza era, como sempre foi, a grande aliada –



mesmo que perigosa – das vivências da vaqueirice. Outras chagas, que não encontraram curas nos remédios industriais ou farmacológicos, levaram os vaqueiros a buscar o místico, um apelo que transcendia a ciência e encontrou força na fé e na tradição.

Muitos recorriam à cura pela palavra, na reza braba dos curandeiros, ou, ainda, ao ritual singelo e poderoso da saliva da manhã. Segundo a vivência dos vaqueiros, a primeira saliva, ungida por orações, era capaz de curar as moléstias do gado, como um pacto sagrado entre o homem e a natureza, assim, “no sertão, no mundo aberto, quem zela é o olho do campeiro. Os logradouros têm de ser visitados antes do sol subir e o tempo esquentar muito, que é quando as criações estão nos descampados, pastando o capim serenado” (Bernardes, 1995, p. 34). Neste sentido, o vaqueiro buscava sempre uma proximidade com a sertão e sobretudo com o gado, deste feito, assevera Carmo Bernardes, “o vaqueiro visita regularmente, mantendo contato com as reses ali alongadas. Havia proprietários que nunca tiveram o prazer de ver reunido todo o seu rebanho” (1995, p.34).

O vaqueiro era, nas palavras de Paulo Bosco Rodrigues Jadão, o “encarregado de cuidar do gado de uma fazenda, tirando o leite das vacas, curando as reses doentes e ainda consertando cercas e cuidais” (1984, p. 201-202), desempenhando múltiplas funções: gerente, capataz, e, muitas vezes, o verdadeiro faz-tudo¹. Nesses cuidados das criações dos gados, as quais, pela força da tradição e do pouco dinheiro que circulava em espécie pelo antigo norte goiano, o pagamento entre o patrão e o vaqueiro era, como explica Eduardo Guedes de Amorim, “de cada quatro bezerros nascidos, um era do vaqueiro” (1973, p. 55).

Para a complementação desta forma de pagamento, tinha que muitos chamavam de *o último laço*, a última cria a ser dividida conforme ser macho ou fêmea. Neste caso, a cria fêmea ou macho são misturados com os três e só pode escolher um, feito isso não volta mais atrás, por isso o nome². Adotava-se também nessa região os sistemas

¹ Nessas condições de ser o verdadeiro faz tudo, muitos de seus patrões ao se envolverem em lutas políticas e por questões de honra, Moura Lima assevera que essa gente era regida “pelo código do sertão” (1998, p. 181), fazendeiros, vaqueiros, sertanejos e jagunços se embrenhavam em conflitos, cumprindo juras de morte e fazendo jorrar sangue vereda afora. Muitos deles eram obrigados a lutar por uma causa que não eram suas, outros fugiam. Por outro lado, esses verdadeiros sujeitos que faziam de tudo, trabalhavam boa parte de suas vidas para alguns fazendeiros que quase nunca pisavam em suas terras, neste sentido, os fazendeiros herdavam de seus padrões os bens, outros, ganhavam pedaços de terras que não tinham muitas qualidades, mas que davam para viver com suas famílias e se tornavam também fazendeiros da região (Madeiros, 2012).

² Em alguns lugares deste grande geral tocantinense, quando existe essa forma de pagamento envolvendo as criações de reses, é importante deixar claro que: quando se tem só bezerro macho não se divide. Só se divide quando é fêmea na mesma cotia



conhecidos como gado de meia e primeira cria. No primeiro caso, o dono do gado o entregava para um agregado que possuía pasto e os dois dividiam as crias. No segundo, um lote de reses era deixado no pasto de outra pessoa e, em troca do aluguel da área, o dono do pasto recebia as primeiras crias — ou barrigadas, como chamavam os sertanejos — das novilhas.

Nestes sertões grandes e imensos, o vaqueiro em meio as labutas e intempéries da vida, também conquistou o espaço, decifrou as durezas da vida. Fez – e continua fazendo – do sertão um espaço de luta, resistência e por vezes solidão, as quais são suas fieis companheiras, se transformou em desbravador e conhecedor desse imenso sertão, dos Brasis, principalmente de um país oculto, abandonado, esquecido e desigual. Nele adentrava, percorrendo vales, capinas, morros, serras e alagadiços, muitos deles inexplorados, aprendeu a interpretar subjetividades e universos simbólicos de um território onde coronéis, homens, mulheres, sertanejos, e garimpeiros criavam e recriavam seu espaço de vida, compartilhavam um mundo vivido no plural e, desde crianças, o sentimento de pertencimento ao lugar. E por esse sentido de pertencimento de lugar muitos desenvolviam outras atividades dentro da vida campestre do sertão do norte goiano, como os tropeiros.

O Tropeiro

O tropeiro, por essas brenhas, vive das múltiplas lidas que o sertão do antigo norte goiano lhe oferece. Não distante no tempo, poderia ter sido vaqueiro, e na busca incessante dos gados, penetrou varjões, capoeiras, caminhos intrincados e no “espigão traiçoeiro” (Otero, 1984, p. 44), tornando-se íntimos das passagens labirínticas e das lendas que ecoavam nesse chão. Como bem descreveu Alberto Rangel: “só pra elle não há mysterio nesse sertão” (Rangel, 1920, p. 30). Talvez, desde menino, tenha ouvido e vivido a essência da cultura tropeira, marcada pela força de quem abre caminhos e pela sabedoria de quem se faz desbravador, tecendo com suor e passos a axiologia humana do sertão, onde cada canto é uma história que o tempo em silêncio guarda.

O tropeiro, de certa maneira, era um sujeito livre, não tinha relações de empregado e patrão como tinham os vaqueiros, era um sujeito que dependia de suas viagens de levar e trazer na mesma intensidade; os gados, mantimentos. Como destaca João Guimarães

Rosa no *Grande Sertão: Veredas*, “passava era uma tropa, os diversos lotes de burros, [...] levavam sal para Goiás. E o arrieiro-mestre relatando uma notícia infeliz, daquela da vida” (Rosa, 1994, p. 80). E não apenas sal, escreveu Guimarães Rosa, que “essa tropa, [...], com carga de fumo, mantas de borracha, couros de onça e de lontra e cera de palmeiral, pouca coisa. [...] iam passar por terras [...] conhecidas, nos sertões menores” (Rosa, 1994, p. 669). Eram homens destemidos, que ousavam seguir por caminhos nas regiões distantes onde quase ninguém se atrevia a penetrar. Assim, “atropa ia andando por aqueles ermos gerais sem fim” (Moreira Filho, 2009, p. 33).

Essas atividades envolviam e movimentavam toda uma complexibilidade existencial, principalmente na economia e cultura. Muitos passavam horas, dias meses e até mesmo ano a trafegar pelos gerais, donde “as bruacas³ de couro [iam] batendo” (Moreira Filho, 2009, p. 33) varando, vilas e se metessem a “cavalgar por dentro das cidades” (Moreira Filho, 2009, p. 32) vendendo e comprando, fazendo suas negociações com bugigangas, ganhando em um lugar, perdendo em outro, e assim, a vida e a economia através das veredas tropeiras ganhavam, ou por assim dizer, escapando com a vida, cortando vários estados, inúmeras cidades. Juarez Moreira Filho, em seu livro: *Mangaratiba – Peões. Boiadas. Tropas & Bruacas* (2009) lembra que:

se ouviam muitas batidas de cargas de surrões. Jacas, malas de sola, com bruacas sacolejando; zoadas de bridas, sopro de venta, casco de animal estalando nas pedras, isso no meio do trote viageiro, da marcha batida rumo ao Dueré ou de volta com os animais gemendo baixinho das cargas de sal, medicamento pra gado, ferragens e outras bugigangas; de vez em quando eram carros-de-boi gemendo na solidão dos ermos e gerais (Moreira Filho, 2009, p. 81)

Essa lembrança do escritor, evoca o manejo vibrante do comércio local, entre as idas e vindas que teciam as histórias e representações através das estradas em meio a poeira e lamas que “carregavam bruacas de couro que, em geral, carregavam medicamentos, sal e ferramentas” (Moreira Filho, 2009, p. 31). Os tropeiros aqueciam ainda mais a economia das vilas, cidades e até das mais remotas curruzelas com seus animais e carros de bois, pois com fazia “o comércio da época da colonização até mesmo dos alvares do novo regime” (Prado, 1951, p. 113). Quanto mais tropeiros surgiam nos

³ É uma caixa de madeira coberta com couro cru, ajustada sobre o lombo do burro, aproveitada em equilíbrio na cangalha, uma de cada lado, usada pelos tropeiros para transportar alimentos e outros materiais essenciais para a jornada.



caminhos, maior era o número de tropas e mais grandioso se tornava o desdobrar da economia regional, estadual e internacional⁴.

De certo é que os “arruídos de cantar de carros-de-bois, nas lonjuras, avisando que alguém era chegante.” (Otero, 1984, p. 19). Esse chegante, movimentava toda a vida cotidiana do lugar. Entre encontros e partidas, deste feito, Moreira Filho destaca que “os tropeiros ali, debaixo do pé de coco-católé, no quintal, sob o céu picado de estrelas, contavam pabulagens, rotavam bacabas, grandezas, e novidades da política que pegava fogo lá pras bandas de Dueré” (Moreira Filho, 2009, p. 82). Dentro dessa mesma realidade, escreveu o botânico francês Auguste de Saint-Hilaire que “debaixo de árvores frondosas que comumente servem de abrigos aos tropeiros, [...] na verdadeira estrada que liga Vila Boa à Província de Mato Grosso” (Saint-Hilaire, 1975, p. 77). Pelas representações do botânico e do literato, compreende-se que essas viagens, longas e incertas, poderiam durar dias, meses, anos, e nessas árvores, os tropeiros encontravam refúgio, fazendo o pouso conhecido por muitos que seguiram os mesmos caminhos.

Quando não havia árvores, buscavam abrigo nas fazendas ao longo da passagem, onde “a humildade no rancho dos tropeiros” (Saint-Hilaire, 1975, p. 22) se fazia presente. Assim, “diante da casa há um rancho bastante amplo e aberto de todos os lados, como os que se encontram na estrada do Rio de Janeiro a Minas. É aí que os viajantes e tropeiros se abrigam” (Saint-Hilaire, 1975, p. 21). E assim, noite e cada trote dos animais parecia sussurrar e liberar os segredos de terras distantes, enquanto os passos dos animais e dos homens carregavam sonhos de prosperidade e a promessa de um novo amanhecer no norte goiano. Nessas abandas, destaca o Padre Estevão M. Gallais que:

Estas viagens no chamado sertão bruto, isto é n'uma região desconhecida, sem moradores e sem recursos, são cheias de encantos para os que amam o pittoresco e aos quaes as aventuras não desagradam. E' preciso primeiro obter uma tropa — animaes de sella e de carga — em numero correspondente aos viajantes e a quantidade de cargas a conduzir. Para as grandes viagens são os burros os preferidos e mais, como ha burros e burros, convém a escolha (e ah ! nem sempre se tem) de recusar, como improprios para o serviço, os animaes velhos, estropiados, defeituosos, sem o que corre-se o risco de ficar parado no fim de alguns dias em pleno sertão, sem poder seguir nem voltar. (Gallais, 1903, p. 13).

⁴Entre as inúmeras práticas econômicas que moviam o nortão goiano, tivemos a extração do garimpo de cristal de rocha (Rimualdo, 2021) e na intensidade o espichado, a caça, e venda de couro na região que era por sua vez extraído para outros países.



Nessas árduas viagens, o imenso cuidado, essa prática ancestral, são saberes e experiências que atravessam o tempo, passados de geração em geração. Nesse mesmo sentido, é de suma importância lembrar que o nome tropeiro, advém dessas práticas comerciais desde o século XVIII e adveio também pelas escolhas dos animais, tropas, que vem de muitos animais, como o padre supracitado menciona, para carregar suas encomendas, seus mantimentos, podendo ser “tropa de burros cargueiros” (Rosa, 1994, p. 173). Ou como destacou, Saint-Hilaire “uma numerosa tropa de burros” (1975, p. 45) em algumas tropas podendo contar, “quarenta e cinco cavalos crioulos, mais seis burros criados, só estes ferrados” (Otero, 1984, p. 6). É importante lembrar que até os animais de suas tropas eram comercializados, sendo, muito deles “comprado, dado, trocado e revendidos, vezes por bons e maus preços” (Rosa, 2017, p. 27).

Os burros e jumentos ganhavam preferência, por, segundo Juarez Moreira Filho, serem “lerdos, vagarosos, pouco diligentes” (2020, p. 185). Isso porque, como afirma Mário Palmério, “um jumento, por mais magro que seja, é sempre um jumento” (1957, p. 114), resistente e acostumado a levar no lombo grande quantidade de carga na cangalha⁵. E, nesse contexto, a viagem seguinte, ao trote penoso do cavalo e dos animais de carga, conforme observa Rachel de Queiroz, que ajuda “ao trote penoso do cavalo” (2012, p. 33) que embora fatigados, seguiam firmes. E destaca Carmo Bernardes: “todo burro na estrada tem uma marcha única, reconhecendo as alturas não precisa estugar” (Bernardes, 2005, p. 127), mas sempre haverá cuidados, pois no prelúdio popular: burro não se amansa, se acostuma, no dia que vira a cabeça de lado, não tem ninguém que arrume.

No mais, com passadas pequenas e firmes em cima do arreião, mulas, jegues, cavalos e burros iam, como descreve Gomes de Castro, “resistindo com dureza de seu casco o pedregulho das estradas” (1949, p. 230). Astolfo Serra, em seu livro *A Balaiada* (1946), argumenta que “num burro, o homem do sertão é capaz de varar o mundo” (1946, p. 37), entrar e sair das mais dificultosas passagens labirínticas, e “não há distância que o faça recuar” (Serra, 1946, p. 37). Mesmo diante das mais variadas estações e climas, “anda léguas e léguas sem se alterar. A marcha é sempre a mesma, o passo monótono do animal, quer faça chuva ou faça sol” (Serra, 1946, p. 37) e assim, “os burros gemem pelo

⁵É um artefato feito de madeira acolchoado na medida do corpo do animal – geralmente burro, jumento ou cavalo – que se apõe ao lombo cavalgadas para pendurar com cargas nos dois lados.



chão pedregosos” (Lima, 2011, p. 201). Deste modo, os cavalos dos tropeiros seguiram o ritmo dos burros e assim, “o passo lerdo dos matungos quebrava os cinturões de balas, balançando os revólveres presilhados” (Otero, 1984, p. 46), cumprindo a sina de uma viagem penosa, marcada pelo peso da estrada e pelo destino incerto.

Nessas viagens quilométricas pelo sertão do nortão goiano, debaixo de sol de um calor escaldante de sensação térmica elevada, tudo tétrico, e também nas estações das águas, de chuva, “os pobres animaes terão de caminhar por terreno arenoso, tendo, por vezes, agua até o peitoral” (Gallais, 1903, p. 16). Distância, lugares repletos de dificuldades, tudo ermos, e por essa vereda “o grupo avança e vai passando por paredões talhados, desfiladeiros, gargantas e grotões. Lugares feios, de precipício e abismos profundo” (Lima, 2011, p. 201). E os animais sentiam a dolorida e perigosa realidade em “berros feitos urros, de reservas mais novas, clamavam pelas profundas os pavores das alturas” (Otero, 1984, p. 45-46) e lugares traiçoeiros, enquanto as malas da passagem rangiam a cada passo cauteloso, marcando o compasso da jornada incerta, e por essa situação “o berrante, já descendo respostava os apelos aflitados da manada, consoando boiada e boiadeiros” (Otero, 1984, p. 45) e fazendo melodia da vida daqueles sujeitos.

E nessas jornadas, os tropeiros não poderiam vacilar, principalmente com seus alimentos. Essa situação é lembrada pelo Padre Estevão M. Gallais ao destacar que “a questão das provisões tem tambem a sua importancia, visto como não se pode contar para viver com o que se encontrar em caminho. D'ellas o mais comum é a carne secca, o feijão preto, o arroz e a farinha de mandioca. (Gallais, 1903, p. 14). Pois, ainda segundo o padre na medida que se adentra no sertão pela “na estrada [de] poucos recursos se encontra” (Gallais, 1903, p. 13) e por isso as comidas armazenadas em alguns recipientes, principalmente em bruacas. Neste sentido, é importante destacar as palavras da historiadora Luzia Bezerra Nunes em dizer que:

As cargas eram malas de couro de boi, bruacas e costais, feito de taboca e corda de palha de buriti trançadas, onde colocavam mantas de carne seca, de toucinho, carne seca, picada, farinha, arroz, rapadura, café, paçoca, requeijão, doce de buriti e de leite, carne de porco frita, panela de ferro, chaleira de flandre, coador de café, pratos e copos esmaltados, facas e talheres. (Nunes, 2014, p. 243)

Além dos alimentos supramencionados – e outros que poderiam ou não serem encontrados e negociados ao longo do caminho –, o mais importante de todos era a carne



seca, cuja preparação incluiu um trabalho minucioso antes de integrar a culinária sertaneja e acompanhar os vaqueiros, os tropeiros e os camaradas em suas longas jornadas. Nesse sentido, o padre Estevão M. Gallais lembra que:

Para se ter carne secca mata-se um boi e depois de tel-o esfolado e destripado, tira-se os ossos, retalhase o que fica de carne e se faz seccar ao sol, durante quarenta e oito horas. Por esta forma póde-se conduzir em um sacco de mediocre dimensão, conservando-se durante mezes inteiros, quasi tudo o que ha de comivel em um boi. (Gallais, 1903, p. 14).

Conforme o Padre Estevão M. Gallais, “para seccar a carne em boas condições é preciso sol e tempo secco” (Gallais, 1903, p.14). Além dessa forma de preparo da comida tropeira, havia outra prática que se destacava: as carnes de criação e de caça não eram dispensadas, mas sim preparadas e conservadas na gordura de porco, armazenadas em recipientes que garantiam sua durabilidade – geralmente dentro de latas de ferro ou em inúmeras e enormes cabaças –. Assim, o alimento frito atravessava meses, permitindo que viajantes sustentassem suas jornadas. A “comida forte de fritura misturada com maria-isabel e um naco de carnes seca assado no espeto requer do sujeito pelo menos um pequeno repouso” (Moreira Filho, 2009, p. 93). Carmo Bernarde chamou essa prática de “o frito andando” (2005, p. 71) uma descrição que traduz a simplicidade engenhosa da vida nos caminhos em que muitos ainda com pratos de alumínio ou cuias feitas de cabaças em suas mãos se alimentavam em cima de seus animais em marcha.

Outros alimentos eram preparados, mas na maioria das vezes tendo a carne seca como base, compondo refeições simples e nutritivas. Como lembra Luzia Bezerra Nunes: “faziam comida simples, como: maria izabel (arroz com carne seca), pinicado de carne seca com mandioca ou abóbora, cozidão de carne seca, café, carne assada no espeto, farinha com rapadura, jacuba (farinha com rapadura molhada com água)” (Nunes, 2014, p. 244). Muitos desbravavam sertões, vilas e cidades, “como soldado que entra em campanha, [...] leva[ando] [...] conosco bateria de cosinha e mantimentos de modo a não nos falar provisão” (Gallais, 1903, p. 13) alimentando-se de carne-de-sol e charque, elementos cotidianos dessa cultura.

Nesse cenário, Josué de Castro observou que tropeiros e “vaqueiros nas suas lidas, sob a forma de paçoca, ou seja, de carne moída pilada e misturada com farinha de mandioca torrada e temperada. Constitui êste prato um dos poucos traços de influência nitidamente indígena na cozinha do matuto” (1967, p. 70). Era a arte de viver do que a

terra e o engenho humano podiam oferecer, transformando o extraordinário em resistência e sustento; cada refeição carregava a memória de suas lidas, de um povo, os sabores da travessia, do silêncio das trilhas e das noites que teciam histórias, neste instante “contava estórias de Trancoso, assombrações, de mau-olhado, benzeções, simpatias, mula-sem-cabeça, lobisomem, de almas-penadas, de feiticeiros, bichos-agourentos, mortes e muitas outras” (Moreira Filho, 2009, p. 54).

E não ficaram por aí, como destaca Godoy Otero: “no anoitante do pouso, a peonagem arregoou causos de mortes na ponta da face, por ladroagem, mais mulheres que enfeitiçaram, por via de chanha, moço rico e caboclo atrasado, que foram de atentados facilitar com cigana” (Otero, 1984, p. 48). Nessas noites por vezes frias e quentes onde a solidão misturava-se com “os grilos chamadores de chuva vertiam seus açulados no aguado dos sapos respostantes no córrego” (Otero, 1984, p. 22) e não tão distante do lugar onde eles estavam ouviam os “uivos de lobos guarás, arrepiando a peonagem, suflagrando almas do outro mundo” (Otero, 1984, p. 24) pelos caminhos das tropeadas. Nesse cenário essas histórias se espalhavam, atravessando distâncias e enraizando-se na vivência daqueles que habitavam os gerais do antigo norte goiano, como muito destaca o Estevão M. Gallais:

As intermináveis conversações dos camara das que esquecem as fadigas do dia, para fallarem de viagens, de perigos corridos, de explorações realizadas, — e por fim passa-se a noite sob a guarda de Deus, de baixo de um bello céu, em uma rêde graciosamente armada em duas arvores do matto. (Gallais, 1903, p. 17)

Nesses trabalhos, muitas vezes planejados – e de fato vívidos – como grandes missões, desenvolveram-se acontecimentos extraordinários, transformando-se em causas que marcaram a memória do povo e se desenvolveram para a formação da representação regional goiana e tocantinense. O vaqueiro, o tropeiro e a camarada eram apenas alguns entre tantos que impulsionavam a economia, como assevera a historiadora do Jalapão, Luzia Bezerra Nunes: “nas vendas de bois, às vezes faziam bons negócios, mas também tinham prejuízos e contraíam muitas doenças, como: malária, varíola, sífilis e outras” (Nunes, 2014, p. 244). Na mesma toada – entre alegrias, tristezas, ganhos e percas –, esses sujeitos também desempenharam um papel na política, conduzindo e trazendo notícias sobre os jogos de poder que moldavam o vasto sertão, sendo também os mensageiros dos



resultados das eleições municipais, atravessando os ermos dos gerais do antigo norte goiano.

O camarada

Outro tipo de sujeito, ou, para melhor dizer, o camarada, é alguém que de certa forma vive como o vaqueiro, só que livre da sombra de um patrão. Seus ofícios, em algumas graças, assemelhavam-se aos cuidados dedicados pelos vaqueiros ao gado, mas traziam nuances próprias de quem conhecia as trilhas, os dias ásperos e o peso das distâncias. Sobre este sujeito, encontra-se uma descrição profundamente detalhada, revelando suas lidas e astúcias, o padre Estevão M. Gallais assevera que:

Se o viajante tem necessidade de bons animaes, elle tem-n'a tambem de bons camaradas, que são dous ou tres creados conhecedores dos caminhos, tratadores de animaes, um pouco cosinheiros, homens dedicados, honestos, corajosos, doces. Em caminho nada se faz sem o camarada. E' elle que deve juntar a tropa de manhã, arrear-a e pol-a em marcha; d'elle depende em grande parte, a hora da partida, a presteza da marcha e a extensão das jornadas, o cuidado das cargas e a boa escolha do pouso. Se não for perito, queira ou não queira, tem mil meios de contrariar o patrão e de lhe causar, além de muitos aborrecimentos, verdadeiros prejuizos. (Gallais, 1903, p. 13-14).

Assim como os vaqueiros e os tropeiros, os camaradas eram íntimos das brenhas mais confusas e dialéticas do sertão goiano, desvendando – e desenvolvendo – os seus mistérios com a naturalidade de quem dialoga com os elementos do sertão. Esses sujeitos, os camaradas, eram na verdade uma das pessoas que muitos eram denominados como; os *faz tudo, pau para toda hora, o capataz* era mais um dos corações pulsantes da tropeada, deste modo, avisa Padre Estevão M. Gallais que:

Os camaradas descarregam os cargueiros, curam os animaes se estão feridos, dão-lhes agua e, depois de tei-os peado, deixam-u'os ali pastando. Depois é preciso cuidar da refeição da tarde, carregar lenha e agua, accender o fogo e occupar-se com os cuidados de uma cosinha ligeira (Gallais, 1903, p. 17).

Os camaradas, eram figuras quase indispensáveis, contratados pelos tropeiros, vaqueiros, fazendeiros e até mesmo por viajantes, como o padre Gallais, para oferecer suas mãos e coragem nas longas e penosas jornadas pelo sertão goiano. O importante era ter o dinheiro para contratar os serviços dessas pessoas. Em cada passo, carregavam a força do ofício e a cumplicidade dos caminhos, desbravando veredas onde o tempo sussurrava histórias de fé e resistência. Deste modo, muitos dos “os camaradas

transportaram sobre os ombros arreios e bagagens” (Gallais, 1903, p. 18). Assim, suas atividades se desenvolviam na manutenção de toda a vida tropeira, desde o preparo da comida, o cuidado dos objetos que levavam, até a pastagem do gado, a qual destaca Léo Godoy Otero: “o capataz, por sorrateiro, deixava o gado pastar, enquanto volteadores, arrodando, impediam-no de esparramar-se em leque” (Otero, 1984, p. 18-19) até mesmo o preparo da comida em todas as situações, sejam elas de sol e chuva.

Nessas brenhas sertanejas, muitos seguiram em tropas, desbravando trilhas entre os perigos que a própria natureza impunha. Buscavam segurança no grupo, resguardando-se as sombras dos perigos que rondavam a mata, como bem alerta o Padre Estevão M. Gallais: “a onça é o tigre do Brasil” e adverte ainda: “não é prudente dormir quando ella está por perto. João e Arthur têm cada um uma garrucha” (Gallais, 1903, p. 18) ou bucheira como era conhecida popularmente em algumas regiões. Era prudente também contra as violências humanas que tingiam as veredas com sangue e medo. Mortes arrepiantes marcavam a memória e o chão goiano, deixando seus rastros, onde muitos eram “sepultados de forma desorganizada, com cruzeiros esparramados aqui e acolá” (Lima, 2002, p. 93).

Neste sertão bruto, um “sertão bravio, marcado pela violência e dureza dos homens” (Lima, 2011, p. 39), donde a solidão ecoava como um grito razante, um “bando de jagunço segue a trilha, armado até os dentes, em completa algazarra” (Lima, 2011, p. 15). Atravessar aquelas veredas sangrentas era desafio para os corajosos, que contavam com a proteção de companheiros atentos, pois “um camarada, [estava sempre] de sentinela, que sobraça o pau-de-fogo e vigia feito onça que come carcaça” (Rosa, 1994, p. 151). Assim seguia a vida nos sertões, com seus dramas e bravuras, onde atividade do vaqueiro, tropeiro e do camarada se misturava às histórias de luta, e cada passo era marcado que os perigos eram visíveis e invisíveis, prontos para surpreender o mais precavido. Não obstante, o camarada nem terras goianas e tocantinense tinha mais uma das funções, proteger os bens, os seus companheiros e aquele que contratou seus trabalhos.

Deste modo, “boiadeiro, que com seus camaradas [viviam] viajando” (Rosa, 1994, p. 454) os gerais muitos, pois “a trilha dos tropeiros se estende além, para aquela região do Jalapão; ora desaparece, ora brota igual a uma serpente na brancura da areia” (Lima,



2011, p. 38). Essas trilhas sertanejas permeadas de medo, esperança, riqueza, ilusões, festas e lendas eram pisadas por inúmeras pessoas, “e conhecida dos tropeiros, que a chamam de caminho das tropas. Já os boiadeiros é trilha do gado”⁶ (Lima, 2011, p. 38). Nomes trocados conforme o grupo de pessoas e seus interesses, mas sempre em sua essência movimentava todas as suas axiologias da vida humana, do “valle do Araguaia” (Gallais, 1903, p. 9).

Esses caminhos perpassava “as fronteiras de Pedro Afonso, Piabanha e Porto Nacional e atinge na lonjura as fronteiras do Piauí, Maranhão e Bahia” (Lima, 2011, p. 38). E não apenas montados, muitos passavam por lá “de pé, em arrebatada com a família inteiras, vindas do Piauí ou Maranhão para habitar o Norte de Goiás” (Lima, 2011, p. 38). O camarada enfrentava tudo, fazia-se de tudo, honrava sua profissão, ele “acompanhava no coice, a vaquejada funesta” (Prado, 1951, p. 112) os tropeiros nas veredas e seus chefes contratantes para fazer alguma viagem. Essas trilhas também se tornaram avenidas futuras. Assim, o camarada foi mais um grupo de sujeitos que esteve fortemente na economia, política e fez parte da cultura goiana e tocantinense.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As práticas culturais dos vaqueiros, tropeiros e camaradas foram fundamentais na formação da cultura tocantinense, entrelaçando histórias no sertão e além. No compasso dos cascos dos animais, no tilintar dos arreios e no tocar do berrante em suas ações criaram um mundo dinâmico, intensificando as rotinas locais ao transportar notícias, objetos, negociar, minerais, bugigangas, gados e outras criações ao longo de seus percursos, atravessando trilhas incertas onde conflitos e alianças se desenhavam. forjavam – e a mesmo tempo quebravam – laços que conectavam vilarejos, povoados e cidades, transformando o sertão do Vale do Araguaia e Tocantins em um mosaico vibrante de economia e sociabilidade. Em jornadas fatigantes e desafiadoras, debaixo do sol tórrido ou das duradoras chuvas toravam léguas tirânicas, desvelavam o paradoxo da

⁶ A economia dos vaqueiros, tropeiros e camaradas foi forte na região que envolviam os Estados do Piauí, Bahia, Maranhão e o Pará. Esse movimento foi tão intenso desde o século XVIII, historiadora Maria do Socorro Coelho Cabral fez um estudo profundo na região que deu o seguinte nome para o livro: Caminhos do Gado – conquista e ocupação do sul do Maranhão (1992).



existência humana, construíram vínculos que oscilavam entre a efemeridade – vidas passageiras – e o enraizamento à dureza do trabalho, refletindo suas relações com os próprios sertanejos, comerciantes locais, fazendeiros e líderes políticos — em um fluxo contínuo de forças e destinos compartilhados, onde uns apenas passavam, e outros, fincavam raízes, erguiam famílias. Sob o vasto céu sertanejo, veredas outrora percorridas por cavalos, jumentos, burros e bois deram lugar a avenidas por onde fluem as riquezas dentro e fora do próprio estado, como a icônica BR-153, a Belém-Brasília, que impulsionou o Tocantins e o Brasil para novas eras, preservando e ao mesmo tempo transformando nas suas margens as histórias daqueles que, com suor e coragem, pavimentaram o futuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCAR, José de. **O sertanejo**. 5ª Ed. São Paulo: Editora: Edições Melhoramentos. 1949.
- AMORIM, Eduardo Guedes de. **Aruanã**. 1ª Ed. Editora: Oriente. Goiânia. 1973.
- BERNARDES, Carmo (1995). **O gado e as larguezas dos Gerais**. Estudos Avançados, 9(23), 33-58. < <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8846> > Acessado 08.01.2025.
- BERNARDES, Carmo. **Xambioá: paz e guerra**. 1ª Ed. Editora: AGEPEL. Goiânia. 2005.
- CABRAL, Maria do Socorro Coelho. **Caminhos do Gado: Conquista e ocupação do Sul do Maranhão**. São Luis, SIOGE, 1992. 265 p. ISBN 85-7207-039-7.
- CAIADO, Leolídio Di Ramos. **Curichão da saudade**. Goiânia: Imprensa da Universidade Federal de Goiás, 1969.
- CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.
- CASTRO, Gomes de. **O garimpo**. São Paulo: Gráfica Souza, 1949.



- CUNHA, Euclides da. **Os sertões**: Campanha de Canudos. 33. ed. São Paulo: Círculo do Livro, 1975.
- GALLAIS, Estevão M. **Uma catequese entre os índios do Araguaia**. Tradução: de Octaviano Esselin. São Paulo. Escola Typographica Salesiana. 1903. <<http://www.etnolinguistica.org/biblio:gallais-1903>> Acessado. 08.1.2025.
- GAY, Peter. **O estilo na história**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- LIMA, Moura. **Chão das Carabinas: coronéis, peões e boiadas**. 1ª Ed. Editora: Gráfica e Editora Cometa. Edição. Gurupi. 2022.
- LIMA, Moura. **Serra dos Pilões: Jagunços e Tropeiros – romance Nos sertões do Jalapão**. 4ª Ed. Editora: Gráfica Cometa. Gurupi. 2011.
- LIMA, Nísia Trindade. **Um Sertão Chamado Brasil**, 1ª ed. Rio de Janeiro: Revan: IUPERJ, UCAM, 1999.
- MEDEIROS, Euclides Antunes de. **Encontros de sangue**: cultura da violência na região dos Vales dos Rios Araguaia e Tocantins 1830/1930. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012.
- MOREIRA FILHO, Juarez. **Cristal de rocha**: pelos garimpos de Dueré. Goiânia: Pé de Letra, 2020.
- MOREIRA FILHO, Juarez. **Infância e travessuras de um sertanejo**. 2. ed. Goiânia: Bandeirante, 2009.
- MOREIRA FILHO, Juarez. **Mangaratiba: Peões. Boiadas. Tropas & Bruacas**. Memórias. 4ª Ed. Editora: Bandeirante. Goiânia. 2009.
- NEIVA & PENA, Artur Neiva. **Viagem científica pelo Norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiás**. 2. ed. Edição fac-similar. Brasília: Senado Federal, 1999.
- NUNES, Luzia Bezerra. **Jalapão Rio Sono – Lizarda**. 1ª Ed. Goiânia. Editora: Sem Editora. 2014.
- OTERO, Léo Godoy. **O caminho das boiadas: romance**. 2ª Ed. Editora G.R. Dorea. São Paulo. 1984.
- PALMÉRIO, Mário. **Vila dos Confins**. 3. ed. São Paulo: José Olympio, 1957.



- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze**. São Paulo: Ática, 2012
- RAMOS, Hugo de Carvalho. **Tropas e Boiadas**. 6ª Ed. Editora: Cultural Goiânia. Goiânia. 1984.
- RANGEL, Alberto. **O inferno verde**. 2. ed. São Paulo: Typographia Arrault & Cia, 1920.
- RIBEIRO, Prado. **Vida sertaneja: usos, costumes, folclore do sertão**. 2ª Ed. Editora: F. Briguiet & Cia – Editores. Rio de Janeiro. 1951.
- RIMUALDO, Brendon Husley Rodrigues. **As representações literárias do sertão garimpeiro e sua geograficidade no antigo norte goiano (1940-1940) nas obras Oco do Mundo, Tipos de Rua e Tipos populares, de Juarez Moreira Filho**. Dissertação (Mestrado em Estudos de Cultura e Território) - Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2021
- ROSA, João Guimarães. **Grande sertão veredas**. 1ª Ed. Editora: Biblioteca Luso-Brasileira. São Paulo. 1994.
- ROSA, João Guimarães. **Sagarana**. São Paulo: Nova Fronteira, 2017.
- SENA, Custódia Selma. **A categoria sertão: um exercício de imaginação antropológica**. Sociedade e Cultura, Goiânia, v. 1, n. 1, p. 19-28, 1998. Acesso <<https://repositorio.bc.ufg.br/items/d58cf8d6-6b7b-4c2b-a5b7-2c2ca2bc4b24>>
- SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.